

POTENCIALIDADES E RIQUEZAS NATURAIS DO SEMIÁRIDO: A SERRA DE SANTA CATARINA COMO ÁREA DE EXCESSÃO

Elânia Daniele Silva Araújo; Estanley Pires Ribeiro; Emanuele Barbosa dos Santos; Jonas Otaviano Praça de Souza;

Universidade Federal da Paraíba – UFPB elaniadani@hotmail.com; Universidade Federal de Campina Grande – UFCG estanleypires@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – UEPB emanuele.snt@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba – UFPB jonasgeoufpe@yahoo.com.br

Resumo do artigo: O Semiárido caracteriza-se por apresentar irregularidade no regime de precipitação ao longo do ano, temperaturas médias altas, evapotranspiração potencial elevada, baixo índice de umidade, prolongados períodos de escassez hídrica e ausência de rios perenes. Apesar de tais características, também dispõe de áreas que irão se diferenciar de outras, no que diz respeito a suas características naturais principalmente por sua disposição orográfica, essas são denominadas como áreas de exceção, se comparado aos espaços secos, favorecendo sua ocupação e exploração dos recursos naturais de forma mais acentuada. A Serra de Santa Catarina (SSC)-PB é uma dessas áreas que apresenta um grande potencial paisagístico e de riquezas naturais. Desse modo, o objetivo desse trabalho é analisar o potencial natural da SSC, por meio das variáveis altitude e declividade, bem como, as possíveis ações antrópicas no local. Os procedimentos metodológicos adotados consistem em: a) Trabalho de campo para reconhecimento da área e coleta de informações; b) Processamento digital dos Modelos Digitais de Elevação (MDE); c) Organização e sistematização dos dados coletados. Constatou-se que a SSC se apresenta como uma área de exceção por apresentar um potencial de riquezas naturais peculiar. Foi possível perceber a influência da altitude e da declividade quanto ao processo de ocupação da área, além do alto potencial natural, quanto a paisagem, vegetação e nascente de riachos e olhos d'água. Por fim, identificou-se a vulnerabilidade do local no que diz respeito a degradação ambiental, evidenciando assim, a necessidade de uma maior intervenção por parte dos órgãos responsáveis e uma conscientização da população local.

Palavras-chave: Potencial; Altitude; Degradação.

INTRODUÇÃO

O Nordeste seco denominado por Ab’Sáber (1999) e sertão nordestino por outros autores, hoje é intitulado corretamente de Semiárido brasileiro pelo fato de sua delimitação atual abranger o norte do estado de Minas Gerais que por sua vez não pertence a região Nordeste. Os ambientes semiáridos caracterizam-se por apresentarem precipitações médias anuais entre 250 e 500mm, temperaturas médias altas, a partir de 27°, evapotranspiração potencial média de 1800 mm, podendo chegar alguns lugares e, em alguns anos a 3000mm, baixo índice de umidade, irregularidade do regime de precipitação ao longo do ano, prolongados períodos de escassez hídrica e ausência de rios perenes (MALVEZZI, 2007; SANTOS et al., 2007).

A cobertura vegetal é a caatinga que significa “mata-branca” recebe esse nome devido sua principal característica de perder as folhas durante o período seco, uma forma de adaptação a irregularidade das chuvas na região, geralmente de baixo e médio porte, arbustivo-arbórea, ou arbóreo-arbustiva, e, muito raramente, arbórea. (AB’SÁBER, 1999 MALVEZZI, 2007; SANTOS et al., 2007; LOIOLA et al., 2012; MMA, 2010; CASTELLETTI et al. 2004)

Apesar de tais características, o semiárido brasileiro também dispõe de áreas que irão se diferenciar de outras principalmente por sua disposição orográfica que possibilitará um desenvolvimento diferenciado do regime de chuvas, solos e vegetação, tais áreas são denominadas como áreas de exceção, que possuem um alto potencial quanto a riquezas naturais, se comparado aos espaços secos, favorecendo sua ocupação e exploração dos recursos naturais de forma mais acentuada.

Um dos pioneiros a tratar dessas áreas de exceção no Brasil foi Ab’Sáber (1999), que iniciou essa discussão denominando-as de brejos de altitude ou serras úmidas que de acordo com o autor, essas constituem verdadeiras ilhas de umidade propiciando solos férteis em variados pontos dos sertões secos. Essas áreas conseguem mudar a monotonia das condições físicas e ecológicas dos sertões secos, enriquecendo a produtividade agrária local e sendo palco de agrupamentos de nascentes ou fontes (chamados de olhos d’água pela população local), dispendo de uma significativa importância. São áreas que representam 5% do sertão e são consideradas como elemento de significativa importância para a economia regional, pois constituem como setores para

produção agrícola, apesar de sua fundamental importância são áreas ainda pouco exploradas cientificamente (BÉRTAD et al., 2007; SOUZA e OLIVEIRA, 2006).

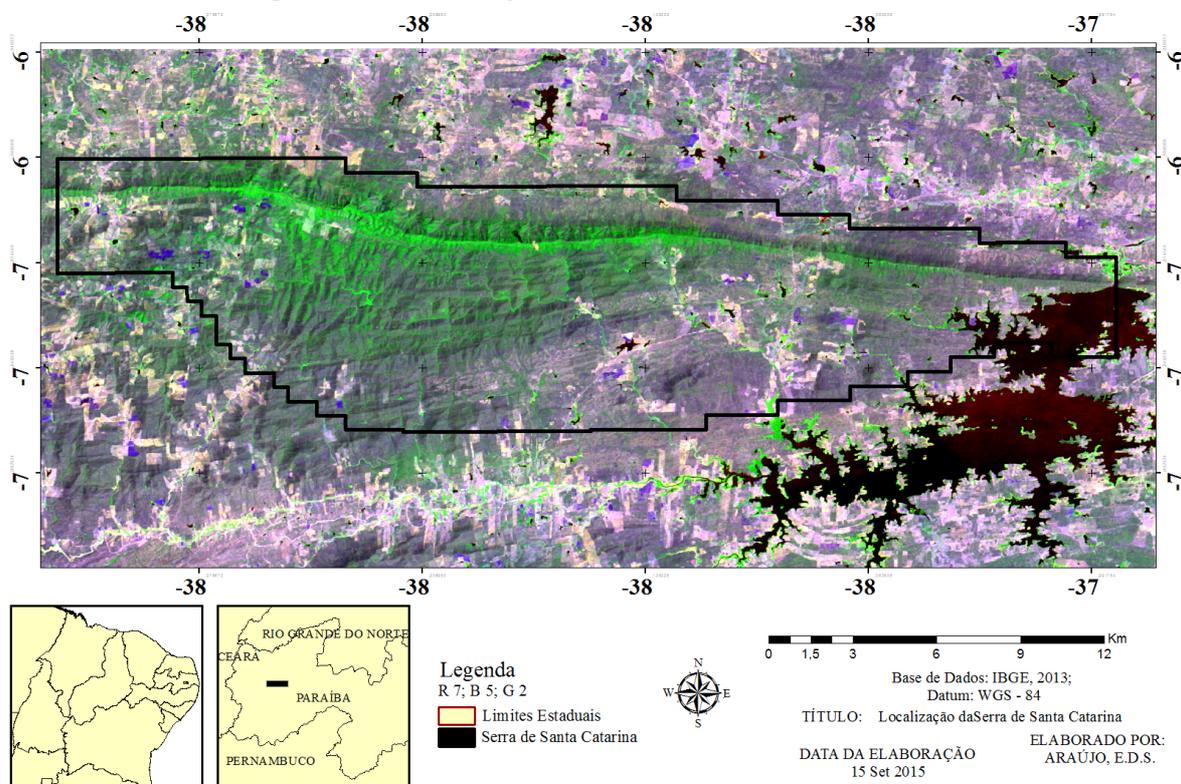
A Serra de Santa Catarina (SSC), localizada no sertão paraibano é uma das áreas de exceção dentro do semiárido brasileiro devido a sua disposição orográfica, apresentando um grande potencial paisagístico e de riquezas naturais. Desse modo, o objetivo desse trabalho é analisar o potencial natural da SSC, por meio das variáveis altitude e declividade, bem como, as possíveis ações antrópicas no local.

METODOLOGIA

Caracterização da área de estudo

A Serra de Santa Catarina está localizada no sertão do estado da Paraíba, estende-se por aproximadamente 25 km e abrange uma área de aproximadamente 112,1 km², desde o Olho d'água do Frade (localizado no município de Nazarezinho) até o riacho saco dos Bois (em São José da Lagoa Tapada) e está inserida nas microrregiões de Cajazeiras e Sousa (BRANDÃO et al. 2009).

Figura 01: Localização da Serra de Santa Catarina-PB



Fonte: Araújo, 2016

Trabalho de campo

Efetua-se um trabalho de campo entre os dias 28-06 e 01-07-2016, a fim de realizar um reconhecimento prévio da área por meio de observação e registros fotográficos para fazer a análise do seu potencial paisagístico e identificar suas riquezas naturais, bem como o grau de preservação.

Processamento Digital das Imagens

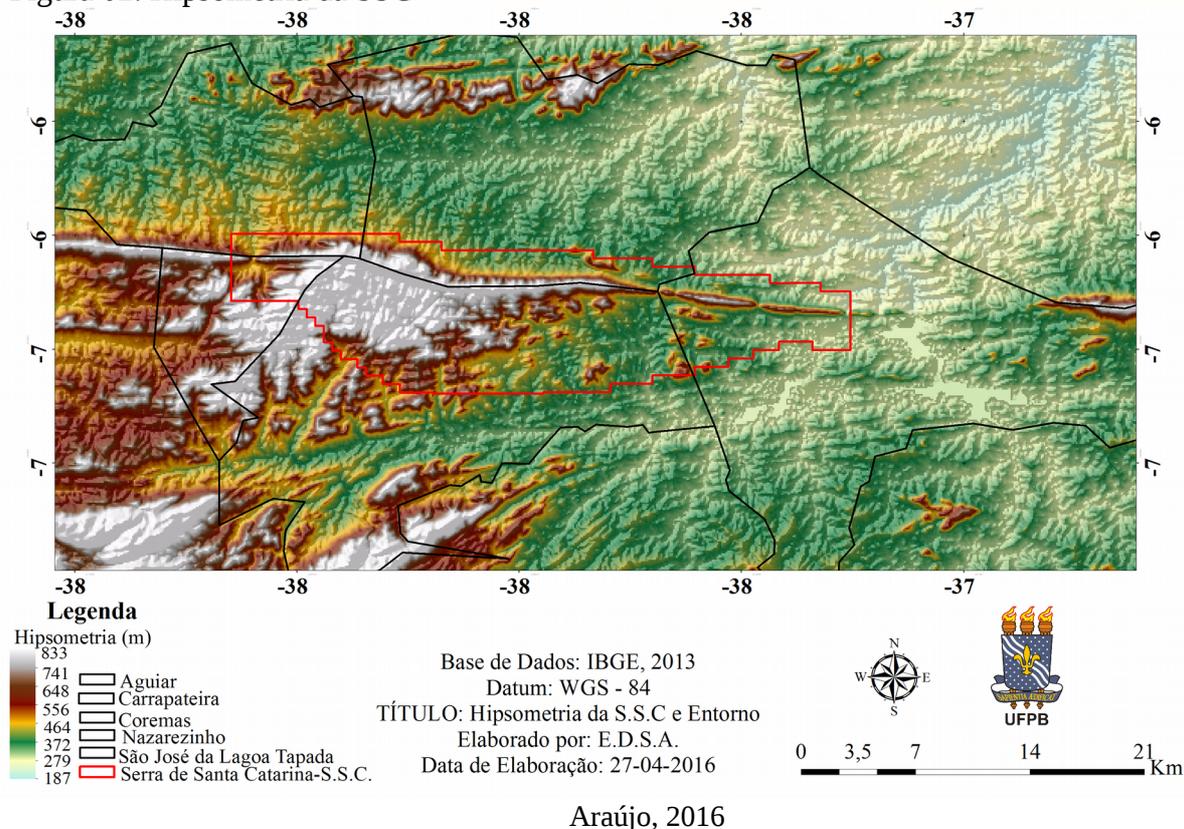
Os dados dos MDE's foram adquiridos no site da Agência Executiva de gestão das águas do estado da Paraíba – AESA, referentes ao radar SRTM, a partir de então foi obtida a hipsometria e a declividade da área, toda a classificação foi feita no software *ArcGis*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A SSC é uma área de vegetação de grande porte, em alguns pontos bem preservada, além de possuir áreas de nascentes de rios de pequeno porte e ainda dispor de um expressivo número de olhos d'água e reservatórios utilizados pelos moradores. A sua disposição orográfica por meio da hipsometria e sua declividade favorecem esse tipo de particularidade.

A área possui uma altitude que varia entre 187m nos pontos mais suaves e 833m nas áreas mais elevadas, sendo essas chamadas de cristas, ou seja, as áreas de topo da Serra que tem uma característica mais pontiaguda (Figura 02). Foi possível constatar que nas áreas de altitude mais elevada e de difícil acesso, há a predominância de uma vegetação mais úmida e de porte arbóreo, evidenciando assim uma menor interferência antrópica. Enquanto que nas áreas de menor elevação ocorre uma maior exploração dos recursos naturais, principalmente no que diz respeito a exploração madeireira, fato esse atribuído a uma fonte de alternativa econômica sazonal, devido a intensificação da estiagem prolongada na região nos últimos anos.

Figura 02. Hipsometria da SSC

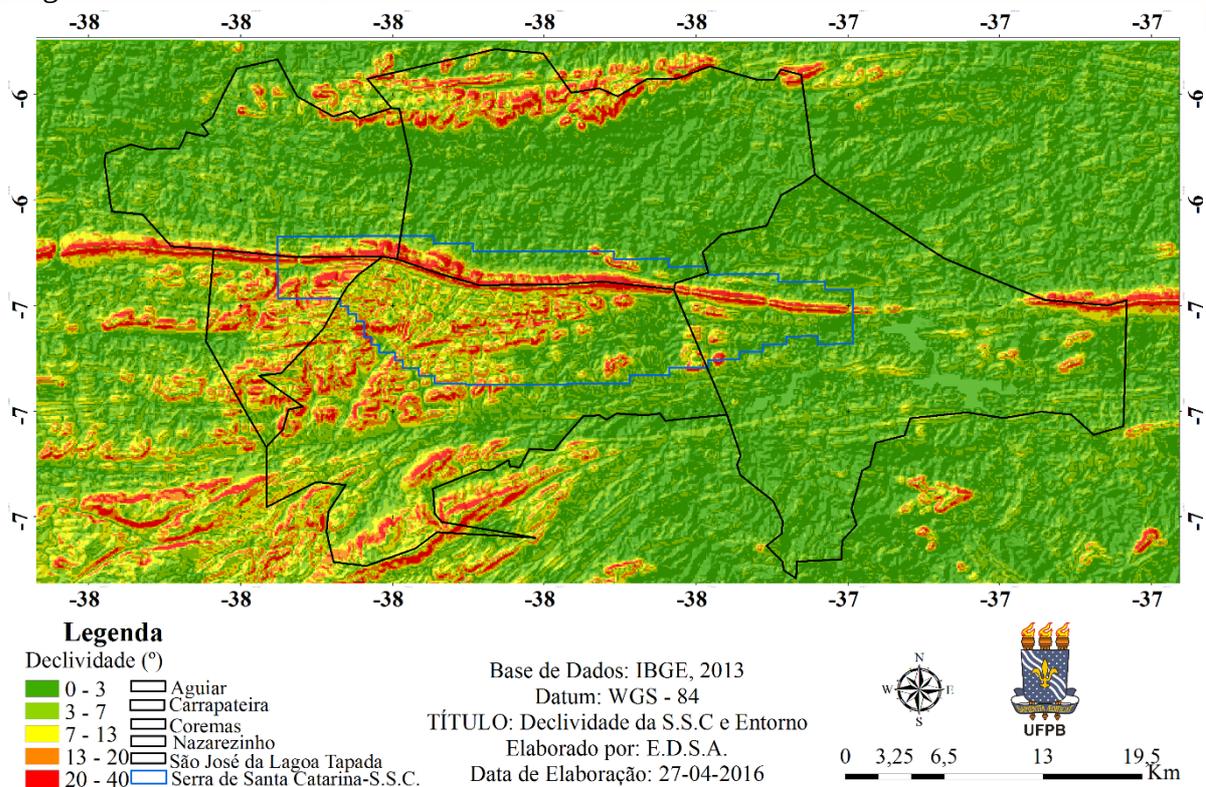


Araújo, 2016

A variação hipsométrica será primordial para explicar os vários tipos de vegetação presentes na área, tal variação favorece a existência de caatinga do tipo arbustiva, arbustiva-arbórea, arbórea-arbustiva, mata seca e mata subúmida seca, para explicar a presença de uma vegetação de grande porte de clima mais úmido é necessário ressaltar a importância da altitude. Sousa (2011) em um estudo para a área afirma que a altitude traz uma certa amenidade do clima e por sua vez, uma maior umidade vindas das áreas mais rebaixadas, dessa maneira, há uma intrínseca relação entre a altitude, a presença de umidade no solo e a vegetação.

Observa-se que a SSC apresenta variação com relação a sua declividade, que compreende as classes desde o relevo plano (0-3°), suave-ondulado (3-8°), ondulado (8-20°) até forte-ondulado (20-45°), apresentando predominantemente um relevo ondulado à forte-ondulado (Figura 03), baseada na classificação apresentada pela Embrapa (1979).

Figura 03. Declividade da SSC



Fonte: Araújo, 2016

Tal característica de relevo contribui para a formação de nascentes de rios de pequeno porte, bem como, a presença de inúmeros reservatórios e olhos d'água (Figura 04), atribuindo a área um potencial quanto as suas riquezas naturais. É importante ressaltar o uso dessa água por parte da população local do meio rural. No caso específico dos olhos d'água, os moradores exploram o recurso hídrico por meio de encanações que transportam a água para a casa dos moradores com o auxílio da gravidade.

Figura 04. Reservatório oriundo das áreas de maior declividade



Araújo, 2016

CONCLUSÕES

A SSC inserida na região do semiárido do sertão paraibano, apresenta-se como uma área de exceção por apresentar características peculiares, principalmente no que se refere ao seu potencial de riquezas naturais. Desta forma, é evidente a sua importância para a região, bem como, para a população local.

A partir das características de altitude, foi perceptível sua influência quanto ao processo de ocupação da área. Apresentando assim, uma maior ocupação populacional em áreas de relevo plano ou suave ondulado e conseqüentemente uma maior exploração antrópica. Por outro lado, as áreas de relevo ondulado e forte ondulado apresentam uma menor ocupação e por sua vez, um maior grau de conservação. Em contrapartida, é perceptível a vulnerabilidade do local no que tange a degradação ambiental, evidenciando assim, a necessidade de uma maior conscientização da população local.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. **O Domínio Morfoclimático Semi-árido das Caatingas brasileiras.** Geomorfologia. 1974. p.1-39.

BÉTARD, François; PIERRE, Jean; SALES, Vanda Claudino. **Caracterização Morfopedológica de uma Serra Úmida no Semi-Árido do Nordeste Brasileiro: o caso do maciço de Baturité-CE.** Mercator - Revista de Geografia da UFC. n12, 2007. p. 107-126.

BRANDÃO, MHM., PEREIRA, MS., SOUSA, PVP., 2009. **Indicadores Paleoclimáticos no alto sertão da Paraíba.** In XIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2009, Viçosa. A Geografia Física Aplicada e as Dinâmicas de Apropriação da Natureza. Viçosa: Editora da UFV.

CASTELLETTI, C.H.M.; SILVA, J.M.C.; TABARELLI, M.; SANTOS, A.M.M. **Quanto ainda resta da Caatinga? Uma estimativa preliminar.** In: SILVA J.M.C. TABARELLI, M. & FONSECA, M.T. (Orgs.). Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2004.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos (Rio de Janeiro, RJ). **Súmula da 10. Reunião Técnica de Levantamento de Solos.** Rio de Janeiro:1979. 83p.

LOIOLA, Maria Iracema Bezerra; ROQUE, Alan de Araújo; OLIVEIRA, Ana Claudia Pereira de. **Caatinga: Vegetação do semiárido brasileiro.** Revista Ecologia, 2012. p.14-19

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido - uma visão holística.** Brasília, 2007. 140p.

MMA- Ministério do Meio Ambiente, 2010. **Monitoramento dos biomas brasileiros: Bioma Caatinga.** Brasília: MMA.

SANTOS, Cícero Félix dos; SCHISTEK, Haroldo. OBERHOFER, Maria. **Conhecendo o Semi-árido em Busca da Convivência.** 2007. 48p.

SOUSA, Paulo Victor Paz de. **A Serra de Santa Catarina: Um enclave subúmido no sertão paraibano e a proposta de criação de uma unidade de conservação.** Fortaleza, 2011. 87p.



SOUZA, Marcos José Nogueira de; OLIVEIRA, Vlória Pinto Vidal de. **Os Enclaves Úmidos e Sub-Úmidos do Semi-Árido do Nordeste Brasileiro.** Mercator - Revista de Geografia da UFC. n09. 2006